

A NAU, O HOMEM E O MUNDO – PARTICULARIDADES DE UMA LINGUÍSTICA EM CONSTRUÇÃO

‘Stamos em pleno mar / era um sonho dantesco, um tombadilho
(*Navio Negroiro*. Castro Alves / Caetano Veloso, 1997)

English title: *THE SHIP, MAN AND THE WORLD – PARTICULARITIES OF A LINGUISTICS UNDER CONSTRUCTION*

 DOI NUMBER: 10.33726/akedia2447-7656v17a112025p48a61

PESSOA, Marcelo¹ –  <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

CONDE, Dirceu Cléber² –  <https://orcid.org/0000-0001-5141-5861>

RESUMO: O presente artigo se debruça em retomar um dos grandes dilemas da Linguística Moderna: o embate entre teoria e prática linguística. Metodologicamente, o texto se desenvolve por meio de uma revisão bibliográfica, realizada sobre acervos consultados em suportes físicos e digitais. O objetivo central da produção, é o de retomar esta dialética, apresentando alguns autores e correntes teóricas que em seu torno transitam. Justifica a realização dessa pesquisa, a recorrente necessidade de se ofertar ao meio acadêmico, possibilidades de leitura e de aplicação dos autores clássicos e contemporâneos na área da Linguística. O resultado obtido, é de um breve ‘insulto’ pragmático colocado à disposição dos estudos linguísticos, contribuindo para o fomento das discussões contemporâneas desta área do conhecimento. O principal aporte bibliográfico da pesquisa, repousa na obra *Linguística? Que é isso?* (FIORIN, 2023). O *corpus* de análise utilizado, foi o do enunciado de uma Prova do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da USP, certame de 2024.

PALAVRAS-CHAVE: Produção e difusão do conhecimento, divulgação científica, Letras

ABSTRACT: This article focuses on one of the great dilemmas of modern linguistics: the clash between linguistic theory and practice. Methodologically, the text is developed through a bibliographical review, carried out in collections consulted on physical and digital media. The main objective of the production is to revisit this dialectic, presenting some authors and theoretical currents that revolve around it. This research is justified by the recurring need to provide the academic world with possibilities for reading and applying classic and contemporary authors in the field of linguistics. The result is a brief pragmatic ‘insult’ made available to linguistic studies, contributing to the promotion of contemporary discussions in this area of knowledge. The main bibliographical contribution of the research is the work *Linguistics? What is it?* (FIORIN, 2023). The corpus of analysis used was the wording of an exam from the Graduate Program in Linguistics at USP, in 2024.

KEYWORDS: Production and dissemination of knowledge, scientific dissemination, Letters

¹ Doutorando em Linguística, pela UFSCAR. Docente, na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Frutal. Pesquisa desenvolvida com o apoio da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

² Docente da Universidade Federal de São Carlos. Coordenador do PPGL – Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCAR e Orientador do Projeto.

INTRODUÇÃO – DIANTE DE UMA SITUAÇÃO-PROBLEMA

Dentre as distintas abordagens que a Ciência Linguística Moderna passou a incorporar aos estudos linguístico-gramaticais (gramática normativa, gramática descritiva, gramática histórica e gramática comparada *e. g.*), desde os seus primeiros postulados, no Século XIX, optamos por destacar aqui, a ideia primordial que disso tudo se pode depreender como essência, ou seja, a mensagem a partir da qual se poderia definir a Linguística, por meio destas abordagens que, em última análise, ‘descrevem e explicam’ os fenômenos de linguagem humana. Portanto, a premissa composta pelos verbos ‘*Descrever & Explicar*’, posso dizer, seriam os termos científicos essenciais desta Ciência.

Deriva destes ‘dois verbos’, a definição de que o Linguista é sujeito que, *a priori*, adota uma postura descritiva/explicativa perante as línguas (naturais, artificiais, artísticas, conlangs e *.g.*), ajustando-se perfeitamente ao postulado estipulado pela sua Ciência de origem. Logo, se a Linguística é a Ciência que ‘descreve e explica’ as línguas, o Linguista é, o ‘descritor e explicador’ delas.

Assim, a Linguística e o Linguista, por índole, se afastam de abordagens prescritivas sobre como a Língua deve ser estruturada e utilizada. Porém, ao mesmo tempo em que esta convicção se fortalece entre os linguistas, é consensual vermos entre os estudiosos contemporâneos, que as línguas humanas, em todos os níveis de análise, seriam, *a priori*, regidas por regras.

Nisso, vemos que há, nas duas afirmações, uma aparente contradição, colocando a premissa do ‘*Descrever & Explicar*’ quase que na contramão do que se tem convencionado denominar de Linguística Moderna. Quer dizer, como uma abordagem descritiva/explicativa (isenta de apriorismo por parte do cientista) pode ser compatível com a visão de que as línguas humanas são regidas por regras, ainda que inatas (donde se pressupõe que os usuários das línguas ou o cientista interfeririam antecipada e decisivamente na linguagem ou no objeto de análise)? (Adaptado da *Prova de Conhecimentos Linguísticos* – Universidade do Estado de São Paulo, 03/05/24, Programa de Pós-Graduação em Linguística – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas).

PERAMBULANDO ENTRE UMAS E OUTRAS TEORIAS

Aparentemente de viés Saussureano e de seus sucedâneos, convém lembrar que a contradição acima descrita já foi também preocupação de uma tradição de linguistas que os antecederam. Neste sentido, se pode discutir se tal dialética que sugere, dentre outros, um embate entre ‘*espontaneidade & normatização*’ linguística, repousaria já na Antiguidade de um Panini (BÖHTLINGK, 1998) ou de um Aristóteles (ARISTÓTELES, 1950), ou se, ao ser reposicionada noutros nichos mais contemporâneos, é que vieram a se fortalecer, visto que o mesmo mote reverberou após Panini e Aristóteles, em diversos estudiosos da Língua, como Varrão, Quintiliano, Donato, Prisciano:

A língua é apresentada de uma maneira idealizada, como o modo de expressão de autores consagrados do passado. [...] Por outro lado, a linguística contemporânea possui um outro sentido para o termo ‘gramática’. No âmbito dessa disciplina, ‘gramática’ corresponde *lato sensu* aos princípios e às regras que estruturam uma variedade linguística – não importando se ela é considerada prestigiada ou não. É o conjunto de regras e princípios que estruturam a competência inerente aos seres humanos para o uso de suas línguas (FORTES & BURGHINI, 2021, p. 09).

Mas, se sim ou não, se atada a uma tradição curta ou alongada de intuição linguística ou de regramento na linguagem (cf. excerto acima), convém indagar: donde nos permitimos afirmar que tais questões na **INTRODUÇÃO** podem ser tão ‘recentes’ quanto ‘longínquas’? Abaixo, vemos que:

O século XIX, em Linguística, caracterizou-se pelos estudos comparativistas e históricos da língua. Esses estudos [...] trataram, pela primeira vez, a linguagem em si mesma e por si mesma, sem abordá-la em função de outros projetos, ou seja, sem subordiná-la ao estudo da retórica, da lógica, da poética ou da filosofia (MUSSALIM, 2008, p. 27).

Além disso, devido sobretudo ao remotismo quase exótico de Panini, face à cultura ocidental, e também de seu objeto de estudos (o Sânscrito, igualmente remoto), é conveniente pormos em tela, a seguinte alegação que já foi feita sobre a relevância da descrição linguística que ele, Panini, teria feito em seu tempo, numa sua gramática sânscrita, intitulada *Aṣṭādhyāyī*):

Temos aí algo de extraordinário, uma descrição linguística puramente formal que data, segundo a estimativa mais prudente, do século IV antes de nossa Era. Panini, este gramático indiano, tomou a língua sânscrita como objeto. Não tem nenhuma palavra de especulação filosófica, mas somente uma análise formal dos elementos constituintes da língua (palavras, frases, relações entre palavras etc.). Este texto é extremamente pesado, de uma densidade inacreditável [...] já se mostra aí o ancestral das pesquisas científicas de hoje (BENVENISTE, 1989, p. 30).

Isto é, o que todos estes e aqueles (**estes**: FORTES & BURGHINI, 2021, p. 09; e, **aqueles**: MUSSALIM, 2008, p. 27) eventualmente têm feito ao longo do tempo, segundo a abordagem que aqui nos interessa evidenciar, é inserirem-se no entremeio distintivo entre ‘teoria & prática’ linguística, balizando os estudos linguísticos na seara da gramática histórica com as melhores práticas de isenção de que podiam (*tal a prática elogiada em* BENVENISTE, 1989, p. 30).

As particularidades da ‘Língua & Fala’ instituíram, sob o crivo de Saussure (2012), essa mesma dicotomia que, se nos enunciados dados até aqui, se expressam por meio do paralelismo ‘espontaneidade *versus* regramento’, e também pela contradição entre ‘isenção & interferência’, vemos que emerge, em Saussure, esse mesmo paradigma na dualidade (‘Língua & Fala’; ‘indivíduo & sociedade’) que ele evoca, colocando em polos opostos e interdependentes, a ‘singularidade do sujeito’ e o advento ‘plural da coletividade’ que, unidos indissociavelmente, produzem a diversidade complexa formadora da linguagem humana – ‘sujeito & sociedade’:

Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala por todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo (SAUSSURE, 2012, p. 45).

Do mesmo modo, podem ser ressalvadas as proporções de um denominado ‘espírito de cada tempo’, bem como levado em consideração o alcance técnico próprio de cada autor, quer seja ele um *Panini* (o descendente

de Pani), um *Aristotélis, gios tou Nikómachou ton Stageíron* (Aristóteles, filho de Nicômaco de Estagira, nascido em Estagira), um *Marcus Terentius Varro Reatinus* (Varrão), uma *Marcus Fabius Quintilianus* (Quintiliano), um *Aelius Donatus* (Donato), um *Priscianus Caesariensis* (Prisciano), um *Ferdinand de Saussure* (Saussure), um *William David Labov* (Labov) ou um *Avram Noam Chomsky* (Chomsky) *et alli*.

Consequentemente, se podemos recorrer a tantos autores e mesmo autoras para discutir idêntico fenômeno linguístico, também podemos considerar esta ou aquela abordagem de estudo como válidas (gramática normativa, gramática descritiva, gramática histórica e gramática comparada, o pragmatismo, os jogos de linguagem etc.) sobre este ou aquele objeto linguístico (línguas naturais, artificiais, artísticas, conlangs etc.).

O que se quer dizer no parágrafo anterior, é que, autores e métodos podem ter variado ao longo do tempo, mas, aparentemente, o horizonte dicotômico suscitado pelos pilares da Linguística tem sido continuamente recuperado e mantido em debate pela Ciência Linguística Moderna. Nesta contemporaneidade assim delineada, portanto, tal binômio (a questão-problema da **INTRODUÇÃO**) se interpõe ao leitor de vários modos: ora, pelo viés de uma ‘espontaneidade *versus* normatização’, ora pela oposição entre ‘teoria e prática’, ora pelos binômios ‘Língua & Fala’ / ‘indivíduo & coletivo’ *inter alia*.

Convém destacar que tais preocupações não só são legítimas, sob o ponto de vista da Ciência Linguística, como realinham, numa mesma hipótese de evolução histórica da Linguística, todos os estudiosos até aqui mencionados, agora agrupados neste ponto do texto, sob o prisma da sobreposição de seus contextos biográficos, o que nos permite lançar uma rápida visada sobre a localização e ‘caminhar’ desse ‘espírito de cada tempo’: Panini (**520-460 a. C.**), Aristóteles (**384-322 a. C.**), Varrão (**116-27 a. C.**), Quintiliano (**35-96 d. C.**), Donato (**315-380 d. C.**), Prisciano (**470-530 d. C.**), Saussure (**1857-1913**), Labov (**1927-2024**) e Chomsky (**1928- com 96 anos, em 2025**):

[...] entende-se que a visão chomskyana [de língua] é biológica [...]. Daí, segue que a tarefa do cientista da linguagem seria descrever e explicar como funcionam as mais diferentes línguas naturais do mundo [...], com vistas a entender o que se postula como ‘gramática universal’. [...] de acordo com essa teoria, a língua é um conhecimento abstrato, [...] ou seja, não precisamos, quando crianças, ouvir todas as sentenças possíveis de nossa língua materna para que nos tornemos absolutamente competentes em sua gramática e, portanto, capazes de produzir qualquer sentença nela possível. **[Por sua vez]** O pensamento laboviano [concebe a língua como] não biológica, mas social. Tudo o que podemos chamar ‘ferramentas linguísticas’ (palavras, frases etc.) é empregado com funções que [...] se explicam não só em termos linguísticos, mas também em termos sociais (grifo meu em negrito) (MENDES, 2023, *apud* FIORIN, 2023, p. 112).

É fato que Saussure entendia que ‘Língua’ e ‘Fala’ preencheriam, na comunicação humana, condições simultaneamente sociais e estruturais, consolidadas na faculdade da Linguagem, combinando-se nesta última, tanto questões voltadas ao regramento das Línguas Naturais, quanto as imprecisões e imprevisibilidades da fala. Cabem neste contexto, como já dissemos, tanto as idiosincrasias do indivíduo quanto a pluralidade da coletividade.

No cerne deste entendimento, interpomos a seguir, um fragmento de Roman Jakobson, que nos parece sintetizar as dissidências vistas nos dois polos de nossa dialética, dicotomia a qual vimos serem expressas neste *paper*, por meio dos mais distintos segmentos de estudiosos até aqui expostos, em termos como: ‘Espontaneidade *versus* regramento’; ‘Descrever *versus* Explicar’; ‘Língua & Fala’; ‘indivíduo & sociedade’; ‘singularidade do sujeito *versus* plural da coletividade’; ‘teoria & prática’; ‘biológico *versus* social’. Assim, vemos que:

Embora existam leis universais que governam os sistemas fonológicos e gramaticais **[frontalmente vemos se posicionarem, aqui, as línguas ágrafas diante de línguas gráficas]**, dificilmente encontraremos leis gerais de mudanças linguísticas. Poderemos no máximo observar certas tendências, estabelecer o maior ou menor grau de probabilidade de diversas mudanças **[neste segmento, vemos claramente o embate entre ‘espontaneidade *versus* regramento’]**. Para que uma mudança seja possível, a única condição é que não chegue a um estado que contradiga as leis estruturais gerais (grifos meus em negrito) (JAKOBSON, 2010, p. 34).

Isto quer dizer que, ao mesmo tempo em que a Ciência Linguística se interessa pelas regras gerais implícitas na linguagem humana, também institui como parte de sua erudição científica, abordagens que se dedicam ao voluntarismo linguístico, isto é, aos estudos da “epifania das palavras” (vide FIORIN, 2023, *Linguística, que é isso?*). Assim, tal epistemologia não se voltaria necessária e exclusivamente às regras, mas às condições de uso real das línguas – a regra não seria um *a priori*, rígido, mas fruto de apreensões empíricas, captadas e descritas nas condições reais de uso da Língua.

Dentro dessa aparente contradição, que tal como temos enfatizado, se expressa de vários modos, tais como ‘Descrever *versus* Explicar’; espontaneidade & normatização’; ‘Língua & Fala’; ‘indivíduo & sociedade’; ‘singularidade do sujeito *versus* plural da coletividade’; ‘teoria & prática’; ‘biológico *versus* social’, é de se suspeitar que aparentemente tais modelos não se entenderiam muito bem, ou que, pelo menos, não teriam inicialmente os mesmos alvos de atenção.

Assim, propondo um desfecho para o debate que abrimos em nossa **INTRODUÇÃO**, vemos que, dentro do que se convencionou denominar de Linguística Moderna (seara que adota por objetos de análise, prioritariamente, a Língua, ou a Linguagem, ou a Competência, ou a Variação, ou a Mudança ou o Uso, combinados ou isoladamente), se podem buscar meios para aproximar as práticas teóricas face aos atos de realização comunicativa efetiva, prestando um grande serviço ao terreno da linguagem: e é isso que faremos a seguir.

EXPERIMENTANDO TEORIAS E OBJETOS

Dentre as diversas abordagens que podem ser adotadas para a compreensão de objetos de estudos linguísticos, temos a Pragmática. Em linhas gerais, esta vertente de estudos cuida de analisar os objetivos da comunicação e o contexto em que os enunciados ocorrem. Sabe-se que a compreensão desta ou daquela mensagem, segundo esta abordagem, depende necessariamente não apenas do nível de domínio de tópicos específicos de

linguagem padrão e não padrão que detenham os interlocutores, mas também do cabedal e da combinação de conhecimentos linguísticos e extralinguísticos:

Nossos diálogos, normalmente, não consistem em uma sucessão de observações desconectadas, e não seria racional se assim fossem. Fundamentalmente, eles são, pelo menos até um certo ponto, esforços cooperativos, e cada participante reconhece neles, em alguma medida, um propósito comum ou um conjunto de propósitos, ou, no mínimo, uma direção mutuamente aceita [**o exemplo dado a seguir, elevará esta premissa a um grau elevado de 'exagero', a fim de facilitar a compreensão sobre esta ideia extralinguística de cooperação entre cada participante**]. Este propósito ou direção pode ser fixado desde o início (por exemplo, pela proposição inicial de uma questão para discussão) ou pode evoluir durante o diálogo; pode ser claramente definido ou ser bastante indefinido a ponto de deixar aos participantes considerável liberdade (como numa conversação casual). Mas, a cada estágio, alguns movimentos conversacionais possíveis seriam excluídos como inadequados. Podemos formular, então, um princípio muito geral que se esperaria (*ceteris paribus* [**todas as outras coisas sendo iguais**]) que os participantes observassem: Faça sua contribuição conversacional tal qual como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado [**o contexto**]. Pode-se denominar este princípio de “Princípio de Cooperação” (grifos meus em negrito) (GRICE, 1982, p. 86).

Seguindo, portanto, na esteira dos postulados de Grice sobre o Pragmatismo, pinçamos de seu todo, o denominado ‘Princípio de Cooperação’. Este recorte se ajusta ao que pretendemos demonstrar, desde a nossa **INTRODUÇÃO**. Isto é, na medida em que a comunicação e os enunciados propriamente ditos, para serem compreendidos, requisitem dos participantes dos atos comunicacionais, algum grau de cooperação entre os inúmeros ‘contextos enunciativos’ entre si, se pressupõe que nessa interação, segundo o que lemos em Grice (acima), ocorra pequenas possibilidades de ruptura com os padrões de comunicação tidos como ‘mais ou menos adequados’, privilegiando-se a compreensão e não a apresentação dos enunciados em si.

Desse modo, entende-se que, por meio de etapas de cooperação, os interlocutores podem contribuir reciprocamente para a compreensão de certos atos de comunicação, tais como os dois fragmentos seguintes:

1. *Olhando em nosso entorno, parece que a linguagem de Beethoven, na 5ª Sinfonia, parece, em 2025, mofada, contaminada que historicamente tem sido, pelas línguas das 'Paradas de Sucesso'.*
2. *Minha Pátria é minha Língua.*

Supondo-se para os enunciados acima, ao menos dois interlocutores (chamados de *A* e *B*), temos que aparentemente não há lógica alguma que conecte a premissa dada em 1, com a ideia dada em 2.

Contudo, vejamos o contexto, dos falantes *A* e *B*.

CONTEXTO: Indica-se que se tratam de dois músicos conversando. Além disso, eles estariam num ambiente universitário. E, para finalizar, ambos frequentam um Curso de Pós-Graduação, na área dos estudos da linguagem.

Bem, dadas as pré-condições mínimas de compreensão para os enunciados 1 e 2 (frases, interlocutores e contexto), já pode ser mais acessível ao leitor, ao menos pragmaticamente falando, entender que Beethoven poderia não necessariamente ser o músico alemão, mas um falante nacional de uma Língua qualquer, em sua variante de prestígio. Do mesmo modo, que a 5ª *Sinfonia*, não seria, neste caso, necessariamente uma peça musical, mas uma amostra desta variante de prestígio linguístico (em certa medida, ela seria uma metáfora para a 'Língua da Música', e. g.). Conseqüentemente, o 'mofo' ao qual se alude, poderia, sim, dizer respeito aos arcaísmos linguísticos, mas também pode se referir ao desprezo pela erudição linguística que certas parcelas da sociedade ostentam (figurado na cena narrado pelo 'entorno' mencionado), ao preferir um tipo menos prestigiado de produção artística. Poderia se referir, ainda, à mudança linguística, em que, diacronicamente, se constata, por meio dela, a prevalência de uma variante sobre a outra etc.

E, no sentido, então, de um viés de 'variante de prestígio linguístico em discussão', é que o interlocutor *B*, lançando mão das mesmas epifanias linguísticas que seu colega *A*, responderia, à moda dos versos de Fernando Pessoa, emprestados que foram, por Caetano Veloso, e colocados na Canção "Língua", de 1984 – 'Minha Pátria é minha Língua'. Assim, 'Pátria', neste sentido,

não é o que a etimologia latina do termo revela (a terra de meus pais), mas se trata mesmo é da Língua, ou, no caso dos músicos, talvez, da linguagem musical que cada um deles pratica, ou seja, o seu 'idioleto musical', que se expande para o escopo do socioleto, do dialeto, do idioma da música.

Neste desenlace Pragmático, temos que, ao mesmo tempo em que aquela aparente contradição entre 'teoria & prática' se dissolve, se recupera, por meio desta ferramenta Pragmática de 'cooperação', uma genealogia histórica de evolução, que permitiu à Linguística Moderna, tanto se interpor como alternativa aos estudos gramaticais normativos (que derrubariam a validade comunicativa dos enunciados *A* e *B*, por falta de coerência), oriundos das Escolas de Retórica, que remontam, tanto a Aristóteles, quanto passam pelos gramáticos chineses, árabes, pelo hindu Panini, e desembocam na lavra de Saussure, pavimentando asfalto para o trânsito de seus sucedâneos, tais como Chomsky, Labov, e demais, como Câmara Jr., Hjelmslev, Bloomfield, Sapir, Jakobson, *inter alia*.

Convém mencionar neste ponto que, quando Grice erige em seus postulados o Princípio da Cooperação (e, para o que queremos demonstrar aqui, este fundamento já é o suficiente), ele também institui como condição auxiliar para o funcionamento deste Princípio, as 'implicaturas convencionais e conversacionais' (GRICE, 1982, p. 92).

Isto posto, enfim, vemos que estas possibilidades de leitura dos enunciados 1 e 2, se tornam mais razoáveis, se levarmos em conta o 'Princípio da Cooperação', em que todos os interlocutores (*A*, *B* e leitores / ouvintes) se dispõem a 'complementar' os sentidos que as frases ditas poderiam evocar naquele contexto enunciativo. Porém:

A última dificuldade é saber porque, em certos casos, se pode presumir, independentemente de informações sobre contextos particulares de enunciação, que a especificação da conexão, estreita ou remota, entre uma pessoa particular ou objeto e a pessoa que é mencionada ou indicada pela enunciação seja provavelmente de interesse. A resposta deve ser mais ou menos esta: intercâmbios entre uma pessoa e outras pessoas ou coisas estreitamente ligadas estão sujeitos a ser, quanto a suas

circunstâncias concomitantes e seus efeitos, muito diferentes do mesmo tipo de intercâmbio envolvendo pessoas ou coisas só remotamente ligadas [...] (GRICE, 1982, p. 101-102).

Ou seja, nos termos que Grice (1982) pontuou, é primordial que cada participante do ato comunicacional “Faça sua contribuição conversacional tal qual como é requerida”.

ATANDO PONTAS SOLTAS

Os conteúdos contraditórios aludidos na **INTRODUÇÃO** e ao longo do texto ainda tangenciam o fato de que, cf. recuperado por Fiorin (2023), do pensamento antropológico de Villém Flusser: “não somos nós que formulamos a língua, mas é ela que nos formula”. Fiorin ainda nos lembra, neste mesmo contexto, “que nós seríamos como que pequenos portões, por onde ela [**a Língua**], passaria, seguindo o seu destino” (grifo meu em negrito).

Mas, qual seria este destino, para onde ela, a Língua, iria?

É possível que ela, nesta trajetória, caminhe para eventos de variação, ou mesmo de mudança. Ronald Beline Mendes (*In*: FIORIN, 2023), nos apresenta um conjunto de variáveis que, talvez um dia, possam se consolidar. Segundo Mendes, a palavra ‘produção’, pode ser dita: com /o/ fechado; com /ó/ aberto; ou, mesmo, ser mutado fonicamente para /u/. Logo, segundo diz o autor, embora a norma de prestígio da Língua entenda que a maneira ‘produção’ (com /o/ fechado), seja a mais aceita, se não há, entre elas, divergência semântica, todas as possibilidades podem ser sociolinguisticamente aceitas, visto que socialmente condicionadas, o que, em certa medida, também ajuda a dissolver a contradição entre norma prescritiva e uso real, delineados ao longo do *paper*.

Assim, à luz do referencial bibliográfico dado, se torna possível desdobrar e ou reduzir a dialética dada desde a **INTRODUÇÃO** (‘Descrever *versus* Explicar’; ‘espontaneidade *versus* normatização’; ‘Língua & Fala’; ‘indivíduo & sociedade’; ‘singularidade do sujeito *versus* plural da coletividade’; ‘teoria & prática’; ‘biológico *versus* social’), em ao menos em três vieses, a

saber:

- a) a Linguística se afasta de posturas que determinam regras de uso para as Línguas;
- b) as Línguas são regidas por regras, que não, obviamente, ditadas pela Ciência Linguística; e,
- c) explicar os eventos linguísticos não significa acondicioná-los em ‘caixas teóricas’.

O que ‘a’, ‘b’ e ‘c’ nos apresentam, em suma, é que até um certo tempo, dentre os vários linguistas os quais nosso *paper* evoca, havia um consenso de que eles, isto é, de que a “A grande maioria dos linguistas tinha se voltado resolutamente para a contemplação de seus próprios idioletos” (LABOV, “Padrões Sociolinguísticos”. *In*: FIORIN, 2023, p. 111).

O que quer dizer, que os linguistas daqueles tempos, estavam mais voltados a confirmar as próprias convicções (as suas respectivas ‘caixas teóricas), as quais se fortaleciam na mesma velocidade e proporção em que se validavam uns aos outros reciprocamente, em fluxo contínuo e sem refutação.

Cada segmento teórico em destaque neste Artigo, tem atuado, à sua maneira, propondo aos cientistas, modelos de descrição sincrônica dos fonemas, dos morfemas, das palavras, das frases, dos discursos (WHITNEY, 2010), explicando as prevalências diacrônicas, identificando os idioletos, compreendendo a formação de socioletos, localizando a ocorrência dos dialetos e, finalmente, nos idiomas propriamente ditos, delimitando variáveis de prestígio padrão, de prestígio encoberto, de prestígio comunal que eventualmente existam, dentre tais contextos.

O que ‘a’, ‘b’ e ‘c’ ainda nos informam, é que, ao lado dos estudos linguísticos, se definiram, tanto os seus objetos teóricos, já acima aludidos, quanto foram determinados os horizontes de abordagens auxiliares de tais objetos. Nesta condição, estariam a Semântica, a Pragmática, a Sintaxe, a Estilística, a Fonética, a Fonologia. E, ao nosso ver, pensando a Língua como um sistema Complexo, Dinâmico e Adaptativo (VIOTTI, 2023. *In*: FIORIN, 2023), entendemos que poderia ser, por meio da Pragmática, que a contradição alvo do início deste texto melhor se desfaria.

Em suma, vemos que as premissas ‘a’, ‘b’, e ‘c’, conforme delimitadas anteriormente, estão presentes no texto, bem como aparecem debatidas ao longo da evolução linguística.

É possível que exista discordância quanto aos argumentos aqui utilizados, a exemplo do que vemos em Fiorin (2023), em que os Autores de Capítulos encartados na obra, discordam abertamente não só entre si, mas, também, de um ou outro argumento oriundo da fortuna crítica que eles utilizam. Porém, lembramos que é assim que se tornou possível a superação de conceitos na Linguística Moderna, face aos antigos linguistas, suas teorias e seus métodos.

CONCLUSÕES

Por sua vez, enquanto Saussure propôs a possibilidade de uma Linguística que pudesse se dedicar, tanto ao campo estrutural das regras gramaticais de prestígio quanto ao terreno das realizações e usos diafásicos, Chomsky apresentou ao mundo o gerativismo linguístico, mais facilmente descritível em modelos experimentais. Na mesma senda, Labov legou-nos os estudos de Língua tidos como fatos ‘socialmente condicionados’, portanto, mais propensos a influências diastráticas, diatópicas, econômicas, étnicas, fatos sociais que naturalmente prescindem de regramentos linguísticos *stricto sensu*.

Vemos que a Língua poderia se dirigir para outros portos. Em *Language*, de 1949, Edward Sapir nos lembra que a Língua é uma nau à deriva, que em sua viagem rumo ao desconhecido e ao imprevisível, inevitavelmente termina por se afastar do cais da Norma, e segue o seu caminho no mundo, à revelia de todos nós.

Assim, portanto, já que “Stamos em pleno mar”, voltamos ao nosso título: a *Nau, o Homem e o Mundo*, materializando num breve tentativa metalinguística, os (des)encontros possíveis entre a ‘teoria e a prática’ de uma Língua – esta é a Linguagem *per se*, em mais alto grau de eficácia.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Les réfutations sophistiques. Nouvelle traduction et notes par J. Tricot.* Paris, J. Vrin, 1950.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral.* Campinas: Pontes: 1989, v. 2.

BÖHTLINGK, Otto. *Panini's Grammatik.* Reimpressão, 1998 – ISBN 3-87548-198-4, 1887.

FIORIN, J. L. (org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2023.

GRICE, Herbert Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos metodológicos da Linguística.* Campinas: Edição do Autor, 1982. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1792767/mod_resource/content/1/L%C3%B3gica%20e%20conversa%C3%A7%C3%A3o%20.pdf, p. 81-103.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação.* São Paulo: Cultrix, 2010.

MENDES, Ronald Beline. Língua e variação. In: FIORIN, J. L. (org.). *Linguística? Que é isso?* São Paulo: Contexto, 2023, p. 111-135.

MUSSALIM, Fernanda. *Linguística I.* Curitiba: Iesde Brasil, 2008.

PANINI. *The Ashtadhyayi of Panini: Translated Into English (Classic Reprint).* AMAZON, 2018.

SANTOS, Fausto dos. *Filosofia aristotélica da linguagem.* Chapecó: ARGOS, 2002, p. 79-115.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral.* São Paulo: Cultrix, 2012.

VIOTTI, Evani. Mudança linguística. In: FIORIN, J. L. (org.). *Linguística? Que é isso?* SP: Contexto, 2023, p. 137-179.

WHITNEY, William Dwight. *A vida da linguagem.* Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

AKEDIA, vol 17 - 2025 - Semestres 1 & 2
p-ISSN 2447-7656 e-ISSN 2674-2561
ANO 11